

EM DEBATE

Ancestralidade que habita em mim: um corpo em movimento¹ *Renata Maria Franco Ribeiro²*



O presente trabalho faz parte das minhas reflexões acerca das contribuições que nortearam o Curso de extensão Educação Física e Educação para as Relações Étnico-Raciais, tendo como ponto de partida o universo negro-africano no Brasil, representado nas diferentes formas de saber, fazer e sentir, numa diversidade complexa e interligada, sobretudo na preservação da memória e saberes ancestrais no modo de viver, falar,

dançar, interagir e formas de resistência da população negra brasileira. Dialogando com o que foi proposto na trajetória do curso, isto é, um olhar para os caminhos da história de vida e luta dos povos vindos na diáspora atlântica, é pertinente visibilizar as estratégias e configurações que os povos vindos do continente africano recriaram na América.

1 Trabalho realizado no âmbito do Curso Educação Física Escolar e Relações Étnico-Raciais pelo Programa de Formação Continuada de Docentes, Pesquisadores e Representantes de Movimentos Sociais da Revista África e Africanidades.

2 Graduanda do Bacharelado em Humanidades – UNILAB.

Recebemos um legado rico e complexo, não há como dimensionar a pluralidade dos povos de África, e devido essa dimensão e cosmovisões africanas, bem como linguísticas, mitológicas e religiosas configuraram-se na América um verdadeiro mosaico chamado cultura afro-brasileira. Nesse cenário de cosmovisões tende a contribuir para a construção da identidade racial, ainda que negada, invisibilizada por práticas racistas, que privilegiam a cultura e história eurocêntrica, para tanto as atividades ligadas à transmissão oral estão presentes nas relações sociais, no universo cultural, linguístico e, sobretudo preservadas pela memória, prática dos costumes, tradições entre os diferentes povos que aqui recriaram suas linguagens simbólicas, sua corporeidade, e criatividade em todo o processo de ressignificação e práticas de resistência.

Nessa perspectiva com a Lei 10.639/03, que obriga o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, e posteriormente a Lei 11.645/08, acrescenta a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena, nos estabelecimentos da educação básica públicos e privados. Esse marco legal contribuiu para um maior debate

acerca da importância e expressão do protagonismo negro, sobretudo nas memórias de matriz africana na criatividade corpórea, bem como a dança, entre elas o jongo, coco, batuque, reisados, congadas, maracatus, são verdadeiros guardiões dessas memórias corporais.



A importância de o corpo como linguagem, que se expressa, comunica e interage nos contextos socioculturais, onde o sagrado e o profano se cruzam, toda corporeidade representa o encantamento ancestral dessa memória contada, cantada, dançada coletivamente, foi coisificada pelos colonizadores. Nesse contexto o educador precisa pensar uma abordagem afro referenciada, reconhecendo esse corpo, que representa resistência e criatividade.